



UNIÃO EUROPEIA

Emmanuel Macron, presidente da França, e a chanceler da Alemanha, Angela Merkel, assumem liderança para fortalecer a Zona do Euro, preservar a integração e refundar o bloco, envolto em forte crise. Especialistas veem boas chances de sucesso

Tempo de mudanças

» RODRIGO CRAVEIRO

A saída do Reino Unido, a crise migratória sem precedentes desde a Segunda Guerra Mundial, a ameaça terrorista, o lento crescimento da economia, o desemprego que afeta principalmente os jovens, a política expansionista da Rússia, a crescente dívida dos 27 países remanescentes. Uma conjunção de fatores coloca em xeque a existência da União Europeia (UE) enquanto bloco calcado na integração e no livre trânsito entre as fronteiras. Depois de assumir a Presidência da França, o banqueiro e ex-ministro Emmanuel Macron começou a ensaiar uma ampla reforma da UE. No primeiro encontro com a chanceler alemã, Angela Merkel, ele propôs uma "refundação histórica da Europa" — o que incluiria a criação de um único parlamento para os países do euro, a nomeação de um ministro das Finanças central e a adoção de um orçamento autônomo para a concessão de empréstimos. Pela primeira vez em 60 anos, franceses e alemães admitem modificar o Tratado de Roma para garantir fôlego à União Europeia. Macron também se reuniu com Jean-Claude Juncker e com Donald Tusk, respectivamente presidentes da Comissão Europeia e do Conselho Europeu.

Sebastian Dullien, professor de economia internacional e especialista do Conselho Europeu sobre Relações Exteriores, acredita que as chances de refundação da União Europeia são melhores do que em qualquer outro momento da história. "Macron e Merkel firmarão um compromisso para reformar o quadro de governança da Zona do Euro. O líder francês prometeu recuperar a economia de seu país, incluindo os mercados de trabalho fortemente regulados. A chanceler, por sua vez, pode

mais facilmente vender um compromisso à opinião pública da Alemanha", afirma ao **Correio**. Ele não descarta que as reformas na França possam ser combinadas com a criação de um orçamento comum para a área do euro. "Para alcançar um acordo nesse sentido, Merkel terá que convencer os conservadores de seu partido União Democrata-Cristã (CDU, pela sigla em alemão)", alerta.

Segundo Dullien, a Zona do Euro precisa concluir a união bancária e criar um mecanismo centralizado de estabilização fiscal. "Isso poderia incluir fundos de investimentos a serem desembolsados centralmente ou algum tipo de seguro-desemprego, que apoiaria as nações em situações econômicas extremas", observa. O estudioso acha pouco provável que outros países imitem o Reino Unido e ativem o seu próprio "Brexit". "Em primeiro lugar, as mudanças necessárias para o bloco se aplicariam somente à Zona do Euro, não à UE como um todo, e os países mais eurocéticos estão fora da Zona do Euro. Em segundo lugar, algumas das transformações devem ser implementadas para os Estados que buscam uma maior integração", comenta. Ele aposta que Merkel exercerá grande influência sobre as demais nações em relação à postura a seguir.

Niklas Helwig, especialista do Centro para Relações Transatlânticas da Universidade Johns Hopkins, explica que a vitória de Macron contra a ultradireitista Marine Le Pen foi, definitivamente, um sinal de esperança de que a França desempenhará um papel mais incisivo na reforma da UE, nos próximos anos. "Fortalecida pelo sucesso nas recentes eleições regionais e menos vulnerável às críticas domésticas, Merkel é capaz de fazer concessões à França, em relação a possíveis reformas do bloco. Mas,

não podemos nos enganar. Uma 'histórica refundação da União Europeia' é um longo caminho. Merkel foi cuidadosa em suas declarações, ao sustentar que encorajará as reformas, 'se elas fizerem sentido'", lembra. De acordo com ele, a decisão sobre as mudanças demandará um processo de longa negociação entre os países-membros, com a realização de referendos em alguns deles. "Para Merkel, o custo de Macron falhar em sua agenda pró-UE é extremamente alto, pois a França poderia cair nas mãos dos populistas em uma eleição futura", alerta.

Sem contenção

Ao ressaltar que a eurozona não é à prova de crises, Helwig recorda que não existem mecanismos automáticos capazes de ajudar um membro que escorrega para a turbulência econômica e financeira. "Várias reformas contribuiriam com a UE durante um choque econômico. Os eurobonds — títulos com valor nominal expresso em dólares ou em outras moedas e vendidos a investidores fora do país de origem — manteriam reduzidas as taxas de juros para empréstimos de governos a Estados afetados por crises", exemplifica. No entanto, a Alemanha e outros países devedores argumentam que o artifício reduziria incentivos para as reformas econômicas. Helwig diz que um seguro-desemprego europeu seria outro mecanismo para automaticamente baixar os custos aos países em dificuldades. "Seria um sinal de que a UE se importa com o povo e com a igualdade social. Por sua vez, o orçamento único defendido por Macron permitiria a reinicialização das economias, por meio de investimentos", observa. Na opinião de Helwig, a UE precisa demonstrar mais flexibilidade se quiser se recuperar.

» Senhores do destino

Depois da cúpula do G7 e da reunião da Otan, Angela Merkel declarou que a Europa pode confiar em seus aliados "até certo ponto". "Por isso que só posso dizer que nós, europeus, devemos realmente tomar nosso destino em nossas próprias mãos — claro, em amizade com os Estados Unidos da América, com a Grã-Bretanha e, como bons vizinhos, onde quer que seja possível também com outros países, até mesmo a Rússia." Merkel não citou o presidente dos EUA, que se recusou a cancelar o acordo climático e reiterou as críticas aos aliados da Otan por não respeitarem o compromisso de alocar 2% do PIB para a defesa.

» Pontos de vista

» Por Daniel Hamilton Impulso insuficiente



Arquivo pessoal

"Nós não deveríamos esperar qualquer novo tratado sobre a União Europeia. O mais provável é uma UE de multiveelocidades, na qual membros se movem mais rapidamente em direção a uma profunda integração do que outros. O motor franco-alemão pode estar retornando, mas, numa Europa mais diversificada, na qual as relações bilaterais são importantes, mas insuficientes para mover o continente todo para a frente."

Diretor do Centro para Relações Transatlânticas da Universidade Johns Hopkins (em Baltimore, Maryland)

» Por Sebastian Dullien Risco de colapso



Arquivo pessoal

"A integração europeia enfrenta perigo. Com o Brexit, pela primeira vez, um membro está abandonando a União Europeia. Além disso, o risco de um colapso da Zona do Euro é presente. Um default grego, fugas de capital da Itália ou a eleição de um governo populista em qualquer um dos Estados-membros da zona do euro poderiam levar à reemergência da crise e ao colapso da Zona do Euro."

Professor de economia internacional e especialista do Conselho Europeu sobre Relações Exteriores

» Por Niklas Helwig Entre a espera e a pressão



Mark Schaefer/Divulgação

"Macron defende reformas processuais, como um ministro de Economia para a UE, e um orçamento único. Por um lado, Merkel quer ver até que ponto a França cumpre a promessa de implementar reformas. Mas ela está sob pressão para apoiar as propostas francesas por uma integração mais profunda da UE."

Professor do Centro para Relações Transatlânticas da Universidade Johns Hopkins (em Baltimore, Maryland)

» Reforma em questão

Como Merkel e Macron veem as possibilidades de mudança para "salvar" a União Europeia e como pretendem tratar os principais temas do bloco



Zona do euro
A ideia de Angela Merkel e de Emmanuel Macron é tornar a zona do euro mais resistente a crises econômicas.



Integração
Merkel acredita que, com o Brexit (a saída do Reino Unido da União Europeia), os 26 países-membros remanescentes devem pensar sobre como fortalecer a UE e, especialmente, a zona do euro.



Tratados
A chanceler alemã se disse disposta a mudar os tratados da UE, "se for útil". "Do ponto de vista alemão, é possível modificar o tratado, se isso fizer sentido. Eu estaria pronta a fazê-lo, mas, primeiro, trabalharemos sobre o que queremos reformar", disse Merkel após o encontro com Macron, no último dia 15.



Burocracia
Macron defendeu um bloco com mais pragmatismo e menos burocracia. Também cobrou uma Europa que proteja os próprios cidadãos.



Eurobonds
O presidente francês disse se opor aos eurobonds, títulos que permitiriam a países do euro emitirem dívidas conjuntamente, com alguns deles se beneficiando de prêmios de risco mais baixos.

Arte: Maurenilson Freire/CB/DA Press; Thiago Fagundes/CB/DA Press